

Ensino de Sociologia: desafios epistemológicos para o Ensino Médio

Amurabi Pereira de Oliveira*

Resumo

Este artigo se insere no debate, cada vez mais atual e necessário, em torno do Ensino de Sociologia no Ensino Médio. Recuperamos brevemente o histórico da disciplina, destacando algumas questões, como a dicotomia entre bacharelado e licenciatura, e por consequência a difícil articulação entre ensino e pesquisa. Buscamos problematizar o desafio epistemológico que se encontra no ato de lecionar sociologia no ensino médio, destacando a necessidade de articular o conhecimento teórico com a situação didática em que o ensino ocorre. Esta articulação se faz possível a partir de uma problematização da própria natureza do conhecimento sociológico, que, em última instância, atrela-se à legitimidade da disciplina no currículo escolar. Novamente nossa questão volta-se para a necessidade de articulação entre ensino e pesquisa, bem como a superação da dicotomia entre bacharelado e licenciatura, uma vez que é através da pesquisa sociológica que se conhece a realidade social, necessária para a articulação com o plano teórico desta ciência.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia; Epistemologia das ciências sociais, Teoria e Prática.

Abstract

This article joins the debate, increasingly timely and necessary, on the teaching of sociology in high school. It explored briefly the history of the discipline, highlighting some issues, like the dichotomy between baccalaureate and formation of teachers, and hence the difficult relationship between teaching and research. We seek to confront the epistemological challenge that lies in the act of teaching sociology in high school, highlighting the need to link theoretical knowledge with the teaching situation in which teaching occurs. This articulation is made possible from a questioning of the nature of sociological knowledge, which ultimately hooks up to the legitimacy of the discipline in the school curriculum. Again, our question turns to the need for articulation between teaching and research, as well as overcoming the dichotomy between undergraduate and graduate, since it is through the sociological research that we know the social reality, necessary for the articulation with the theoretical this science.

Key words: Teaching Sociology, Epistemology of Social Sciences, Theory and Practice.

* **AMURABI PEREIRA DE OLIVEIRA** é Licenciado e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande, Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco, foi professor substituto de sociologia da Universidade Estadual da Paraíba e efetivo do Instituto Federal do Sertão Pernambucano, e do Instituto Federal de Pernambuco. Atualmente é professor assistente da Universidade Federal de Alagoas de antropologia da educação e de estágio supervisionado em ciências sociais.

Introdução: a problemática do Ensino de Sociologia

No Brasil temos uma situação peculiar com relação à Sociologia: por um lado temos a realidade de que a existência da disciplina no ensino médio antecede à discussão no nível da graduação, bem como da pós-graduação, contando dos anos 20 sua introdução na educação básica, e dos anos 30 do século XX a abertura dos primeiros cursos, na da Escola Paulista de Sociologia e Política, e posteriormente na Universidade de São Paulo, por outro lado, temos uma consolidação do universo da pesquisa e da pós-graduação em detrimento da formação de professores. Tal dicotomia chegou mesmo a gerar a seguinte questão: seriam os licenciados em ciências sociais sociólogos? (MORAES, 2003).

Outra peculiaridade diz respeito ao fato de que a Sociologia, enquanto disciplina escolar, é marcada por idas e vindas no currículo, refletindo, deste modo, como ela se situa na teia das relações de poder. Uma vez que, entendemos que a forma de controlar e distribuir conhecimento é uma das principais formas de reprodução das relações de poder, de modo que devemos encarar o currículo como uma expressão destas relações de poder (APPLE, 2002, 2006, BOURDIEU, PASSERON, 2006, 2008).

Sua intermitência do currículo fragilizou a sua legitimidade enquanto disciplina escolar, por mais que possamos afirmar que sua presença, no processo de

formação de professores sempre se fez presente de alguma forma, em especial no chamado “Curso Normal”.

Este cenário produziu uma configuração nas ciências sociais que reforça a estrutura dicotômica entre bacharelado e licenciatura, tornando os arranjos que colocam estas formações em pólos opostos, e não como complementares. Por mais que possamos afirmar que não há possibilidade de se pensar uma prática educativa sem pesquisa, uma vez que se demanda o conhecimento da realidade para analisá-la e produzir conhecimento, bem como no cenário

brasileiro em que 90% das pesquisas são realizadas em universidades, não há como se pensar a pesquisa sem o ensino.

Handfas (2009) aponta para este problema, situando como as formações em boa parte das universidades brasileiras concebem as duas formações do mesmo curso como diversas. Defendendo um modelo de

formação em que se rompa com esta dicotomia, pensando uma formação de ensino e pesquisa articulada, buscando romper com as hierarquias simbólicas postas entre o ensino e a pesquisa.

Tal problemática já havia sido apontado por Moraes (2003), situando o processo formativo de professores de sociologia como um gargalo para o impasse que se estabelece no processo de legitimidade do Ensino de Sociologia, uma vez que a dicotomia estabelecida entre bacharelado e licenciatura reverbera numa dualidade entre ensino e pesquisa, e como o autor



situa em trabalho posterior (MORAES, 2008) a pesquisa é um dos espaços privilegiados para o desenvolvimento do ensino, em especial do Ensino de Sociologia na Educação Básica.

Em meio a todas estas questões, buscaremos situar os desafios epistemológicos, que se refletem em especial no nível da linguagem, para o ensino da Sociologia no Ensino Médio. Problematicando o eixo metodológico em que esta prática educativa ocorre, levantando a questão em torno de como realizar uma transformação, em termos de abstração teórica, do conhecimento sociológico presente no universo da pesquisa, da graduação e da pós-graduação, para o universo escolar da educação básica.

Histórico da Disciplina

Como já apontamos, a Sociologia marca-se por idas e vindas no currículo escolar, o que não configura nenhuma novidade. No entanto, precisamos situar suas presenças e ausências para que possamos contextualizar em que situação histórica e social a formação de professores é compreendida, bem como o cenário que está ao fundo do ensino de sociologia na educação básica.

No Brasil, a discussão em torno do ensino de sociologia antecede mesmo a sua introdução por Durkheim na Universidade de Bourdeaux, no século XIX Rui Barbosa havia proposto a sua introdução na educação básica, substituindo a disciplina de direito Natural (BRASIL, 2006).

No entanto, apenas nos anos de 1920 vislumbraremos uma introdução efetiva da sociologia na educação básica, com a reforma Francisco Campos. A mesma já se fazia presente no currículo escolar, porém não era necessária para a conclusão dos estudos, ou mesmo para a preparação no ingresso da universidade

(SANTOS, 2002), cenário alterado com esta reforma, que torna a Sociologia tanto obrigatória para estas duas tarefas, como também para a formação de professores no curso normal.

Sua presença indicava uma relação complexa entre Estado, Educação e Modernidade. A Sociologia indicava no currículo escolar o surgimento de uma nação moderna (SARANDY, 2004), no entanto, podemos afirmar que foi um verniz muito frágil, lembrando o *ethos* protestante em Weber, em que os sinais da salvação são buscados para se ter a confirmação da mesma.

Além do que, devemos destacar como esta disciplina escolar foi pensada de forma pragmática, e mais que isso, como um conhecimento voltado para as elites. Afinal, se pensamos uma disciplina necessária para a finalização da educação básica, e para o preparo do ingresso na universidade, é notório o seu caráter elitizado, pois se hoje esta realidade ainda é excludente, que dirá nos anos de 1920, 1930, quando para as camadas mais pobres o ensino técnico profissionalizante era o caminho mais possível (FREITAG, 1987).

Com o advento do Estado Novo a Sociologia perde espaço, porém foi mantida junto ao processo de formação de professores. No entanto, podemos afirmar que a perspectiva das ciências sociais foi, por vezes, olhada de forma simpática pelo Estado Novo, como na obra de Zweig, no entanto, esta simpatia aflora quando se mostra em consonância com a perspectiva ideológica do regime, em especial no que tange à formação do Estado Nacional.

Sua fragilidade acentua-se e ameniza-se de acordo com os humores políticos, como em qualquer disciplina, mas obviamente que a Sociologia por lidar com o tecido social diretamente possui um lugar *sui generis*.

A situação da Sociologia no currículo escolar torna-se insustentável com o advento do regime militar, quando temos, por um lado, a flexibilização e profissionalização do currículo da educação básica, por outro, temos a substituição da Sociologia, juntamente com a Filosofia, pelas disciplinas de Educação Moral e Cívica, e Organização Social e Política do Brasil.

Com o período de redemocratização a Sociologia poderia ter ganhado mais espaço, o que não ocorreu, porém alguns estados a reintroduzido no currículo escolar. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB – de 1996 os conhecimentos de Sociologia e Filosofia figuram como básicos para o egresso do ensino médio, porém tais conhecimentos estariam “dissolvidos” nas demais disciplinas.

Nos anos 2000 temos, primeiramente, a tentativa em 2001 de introdução da Sociologia e da Filosofia por força de lei, tendo sido aprovada a introdução das mesmas nas duas câmaras do legislativo, porém vetada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, ironicamente sociólogo. Em 2006 temos o parecer do Conselho Nacional de Educação nº 38/06, que introduz a Sociologia e a Filosofia como componentes curriculares no Ensino Médio, e por fim a Lei nº 11.684 de 2008 que as introduz como disciplinas presentes em todas as séries do Ensino Médio.

Notoriamente a sua reintrodução possuiu como pano de fundo um forte ativismo político, devendo ser destacado que a lei por si mesma não resolve o problema, não devemos, portanto, esvaziar o debate político da questão apenas por força de lei. Questões que dizem respeito acerca de quem deve lecionar, ou o que se deve lecionar se fazem latentes, todas estas imbricadas no debate acerca da

formação de professores de Sociologia, bem como acerca dos debates de caráter etimológico e ontológico da própria ciência social.

Desafios para uma prática educativa no Ensino Médio: o salto epistemológico

As ciências humanas de modo geral, e as sociais de modo particular, têm se embrenhado historicamente em torno do debate em torno de sua natureza e seu método, uma discussão que se arrasta por alguns séculos. A divisão clássica da filosofia alemã entre as *Geisteswissenschaften* e as *Naturwissenschaften* [Ciências do Espírito e Ciências da Natureza], expressa bem este debate.

Quando pensamos, em especial, os neokantianos, temos um profícuo debate, desde aqueles que ao assumirem a terminologia de ciências nomotéticas e idiográficas, respectivamente aquelas que se preocupam com as formulações gerais, e aquelas que se preocupam com o que há de singular, assumem a implicação de que as questões de caráter metodológico possuirá implicações sobre a ontologia destas ciências, como situam Windelband e Rickert.

Por outro lado, temos aqueles que situam tais ciências como portadoras de uma ontologia distinta, o que levaria a implicações metodológicas distintas. Neste âmbito, encontram-se principalmente os autores vinculados à perspectiva hermenêutica, como Dilthey, Heidegger, Gadamer. Por vezes, esta segunda perspectiva – que em absoluto constitui um bloco homogêneo – contrapõe a *Erklären*, a explicação referente às ciências da natureza, ao *Verstehen*, a compreensão que seria inerente às ciências humanas.

O debate em torno da Sociologia também se encontra em meio a uma

discussão sobre sua natureza e método. Giddens (2003) terá a preocupação de distinguir a Sociologia da teoria social. Para o autor:

[...] emprego a expressão ‘teoria social’ para abranger questões que sustentem serem do interesse de todas as ciências sociais. Essas questões relacionam-se com a natureza da ação humana e do self atuante; com o modo como a interação deve ser conceituada e sua relação com as instituições; e com a apreensão das conotações práticas da análise social. Em contrapartida, entendo que a ‘sociologia’ não é uma disciplina genérica que se ocupa do estudo das sociedades humanas como um todo, mas aquele ramo da ciência social que concentra seu foco particularmente sobre as sociedades modernas ou ‘avançadas’ (GIDDENS, 2003, p. XVII-XVIII)

Compreender a dinâmica do ensino de Sociologia perpassa, também, compreender a natureza da ciência social. A partir desta implicação de sua natureza, deve-se apontar para a necessidade que coloca a Sociologia no Ensino Médio, seja pensando-a a partir de seu caráter reflexivo (OLIVEIRA, 2010), ou mesmo a partir de sua proposta de desnaturalização da realidade social (HAMLIN, 2010).

A formação sociológica apresenta como desafio explicar um mundo já explicado, como nos coloca Giddens (1991), ao contrário das demais ciências que irão explicar um mundo que não possui explicações no senso comum, a Sociologia apresenta como desafio mostrar uma explicação qualitativa diferente daquela que os sujeitos se apropriam, e formulam, cotidianamente.

A formulação da explicação sociológica perpassa o universo da linguagem, das categorias sociológicas. O olhar sociológico perpassa as idéias de classe

social, identidade, gênero, ação coletiva, etc., muitas destas arraigadas nas definições clássicas, em especial aquelas formuladas no século XIX e na primeira metade do século XX. Autores como Wallerstein (2006) questionam justamente os limites postos por estas categorias, trazendo uma reflexão crítica sobre as mesmas, em especial acerca das categorias de classe social e de desenvolvimento.

As categorias sociológicas medeiam a forma como a Sociologia produz seu conhecimento, bem como a forma como esta ciência se apropria da realidade. Estas duas dimensões, a produção do conhecimento e a apropriação da realidade, devem ser encaradas como dimensões desafiadoras para a prática pedagógica no ensino médio, tendo em vista que, é por meio da prática educativa é que realizamos uma transformação em termos de complexidade, linguagem, expressividade, e abstração para trazer o olhar sociológico para o Ensino Médio.

No contexto do ensino de Sociologia temos dois pontos que devem ser articulados: a teoria e a realidade empírica, esta última dada em princípio pelo senso comum. Tanto se pode partir da teoria para se chegar à realidade, ao menos em termos de abstração, ainda que não se possa fazer o mesmo exercício para a produção do conhecimento sociológico, mas também se pode partir da realidade em direção às formulações teóricas.

É nesta articulação, entre a realidade e a teoria, que reside a necessidade de se realizar um salto epistemológico, no sentido de tornar as categorias sociológicas palatáveis ao Ensino Médio. O processo teórico não vale por si mesmo se não possuir um potencial heurístico explicativo sobre a realidade social, a teoria precisa dizer algo sobre a

realidade do aluno. Para realizar tal articulação necessitamos da interface realizada pelo senso comum, que é, por excelência, nosso ponto de partida, por mais que não possa se configurar como nosso ponto de chegada.

Ao lidar diretamente com uma realidade que constitui e ao mesmo tempo é constituída pelo sujeito, deve-se problematizar a construção do objeto sociológico como algo dado, destacando o seu caráter também político e ideológico, não sendo uma simples descrição refinada da realidade, mesmo que o fosse, estaria mediada por todas estas questões.

Estes elementos imbricam-se tanto com a contextualização da situação didática, ou seja, em que contexto o ato educacional ocorre, este deve perpassar a teoria, bem como ser perpassado pela mesma, sendo ao mesmo tempo explicado e explicativo. A *práxis* educacional, em especial no contexto da Sociologia, não deve ser apartada do âmbito teórico, bem como não deve distar do universo da experiência.

A Sociologia por si mesma nada produz, nem mesmo o seu caráter crítico pode ser alegado, uma vez que devemos encarar a possibilidade de uma Sociologia conservadora, ou mesmo elitista como a sua origem histórica no currículo escolar denota. Porém, ao ser pensada numa proposta que visa situar o sujeito no mundo, partindo de um giro epistêmico, por meio do qual salta-se qualitativamente na relação entre a experiência vivida e o poder explicativo sobre a mesma – e por consequência o processo de desnaturalização e de constituição de um olhar crítico – possibilitando novos arranjos cognitivos do sujeito em relação ao mundo que o cerca, e que este também constitui.

Reafirmamos aqui, para finalizar nosso processo argumentativo, a necessidade

real de articulação entre formação de professores e pesquisa, uma vez, que, para se realizar uma efetiva articulação entre teoria e realidade social, numa dada prática pedagógica, demanda-se que o conhecimento desta realidade, que se dá, neste caso, por meio da pesquisa sociológica.

Considerações finais

Buscamos, no decorrer deste breve trabalho, destacar algumas necessidades postas no debate do ensino de Sociologia, ainda que a articulação entre teoria e prática não seja uma necessidade exclusiva desta disciplina, porém ao lidar com a instância mais imediata da realidade social torna esta articulação mais complexa, bem como mais urgente.

É-nos claro que a dicotomia entre licenciatura e bacharelado é uma questão histórica e profunda, presente nos mais diversos cursos, porém numa formação cuja presença no currículo escolar se dá de forma frágil, marcada por idas e vindas, esta problemática se acirra, pois a identidade como uma área formativa de professores se evanesce.

Também nos é relevante resgatar neste debate, o fato de que as ciências sociais distinguem-se das ciências naturais não apenas por uma questão de método, mas sim pelo caráter moral daquelas (HABERMAS, 2009). Elas dizem algo não apenas sobre a realidade do mundo, mas sobre a sua natureza, e o que dizem possui implicações que vai para além da *Erklären*.

Como professores de Sociologia precisamos chacoalhar as bases da própria ciência social, pensar no âmbito da crítica da crítica como propõem Adorno e Horkheimer (1985). A partir deste movimento, que não é a única possibilidade, devemos pensar na situação didática, o que ela nos diz sobre a teoria e o que a teoria nos diz sobre

ela, tal questionamento deve nortear nossa prática, bem com nossa proposta para o ensino de Sociologia.

Por fim, devemos destacar a necessidade de não engessamento da realidade social, distemos do modelo de ensino adotados nos primeiros manuais de Sociologia, em que a repetição das categorias era o foco (MEUCCI, 2000). As categorias sociológicas são fundamentais, porém elas que medeiam nossa relação, nosso processo de construção do conhecimento não se encerra nelas, parte das mesmas.

Referências

ADORNO, T., HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

APPLE, Michael W. *Educação e Poder*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

_____. *Ideologia e Currículo*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. *Les Héritiers: Les Étudiants et la Culture*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. *Orientações Curriculares Nacionais*. Brasília, 2006.

FREITAG, Barbara. *Escola, Estado e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 1987.

GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HABERMAS, Jürgen. *A Lógica das Ciências Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HAMLIN, Cynthia Lins. “Desenvolvendo uma Terceira Cultura nas Escolas: habitus sociológico, estranhamento e desnaturalização de preconceitos”. *Tomo*, v. 15, p. 71-82, 2010.

HANDFAS, Anita. “A Formação do Professor de Sociologia”. In: HANDFAS, Anita; OLIVEIRA, Luiz Fernandes. (Org.). *A Sociologia vai à escola: história, ensino e docência*. 01 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2009, v. 01, p. 1-287.

MEUCCI, Simone. *A institucionalização da sociologia no Brasil: primeiros manuais e cursos*. 2000. Dissertação (Mestrado) - UNICAMP, Campinas.

MORAES, Amaury Cesar. “Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato”. *Tempo soc.*, Abr 2003, vol.15, no.1, p.5-20.

_____. “O que temos de aprender para ensinar ciências sociais?”. *Cronos (Natal)*, v. 8, p. 395-402, 2008.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. “Sociologia do Ensino de Sociologia no Brasil: Contribuições a partir de Anthony Giddens”. *Inter-ação*, v. 35, p. 53-62, 2010.

SANTOS, Mário Bispo dos. *A Sociologia no Ensino Médio: o que pensam os professores da rede Pública do Distrito Federal*. 2002. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Brasil.

SARANDY, Flávio Marcos Silva. *A Sociologia volta à escola: um estudo dos manuais de sociologia para o ensino médio no Brasil*. 2004. Dissertação (Mestrado) – UFRJ, Rio de Janeiro.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Impensar a Ciência Social*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.